

O DESENVOLVIMENTO HUMANO SOB A PERSPECTIVA DE BION E WINNICOTT

Carla Maria Lima Braga

Início a minha fala agradecendo o convite e me sentindo honrada de poder estar aqui nesta mesa com o Prof. Rezende podendo falar a respeito do autor que mais tenho estudado atualmente - Winnicott. A escolha do tema diz respeito da importância que se tem no desenvolvimento dos pensamentos psicanalíticos em suas controvérsias de autores que vieram após Freud e pode discutir a originalidade destes autores. Desta forma o me proponho a falar aqui é sobre o desenvolvimento humano e a sua entrada na vida grupal e cultural a partir da perspectiva de Winnicott.

A importância de como todas as perspectivas teóricas compreende o processo de simbolização é fundamental tanto para a teoria quanto para a prática clínica, em especial no tratamento daqueles pacientes que tiveram ou têm problemas significativos para entrar no mundo simbólico. O que seria então o símbolo? O símbolo representa uma coisa no lugar de outra coisa. Para Winnicott, o processo advindo do símbolo deriva da expansão dos fenômenos transicionais, como expressão de si mesmo no criar e encontrar o mundo. Então vejamos como isso acontece.

Para Winnicott, o bebê ao nascer não tem a possibilidade de reconhecer um objeto nem relacionar-se com objetos externos; o que seria diferenciado das teorias kleinianas. Para Winnicott, o bebê não existe enquanto unidade separada do ambiente.

O bebê sendo imaturo é pressionado por suas necessidades existenciais a buscar algo que ele não sabe o que é. Winnicott afirma que, no início, o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. Quando o ambiente, numa comunicação profunda e sutil com o bebê, fornece aquilo que atende às suas necessidades, este vive a experiência ilusória de que criou um objeto adequado às suas necessidades.

Então, cito Winnicott: “a adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este uma **ilusão** de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” Winnicott p. 27

A mãe através da adaptação quase completa vai propiciar ao bebê a oportunidade para a ilusão. Há um sentimento de onipotência. A próxima tarefa da mãe consiste no processo de **desilusão**. E esta tarefa está relacionada a aceitação da realidade. A passagem da realidade subjetivamente concebida para a objetivamente percebida é proporcionada pela área transitória, intermediária da experiência.

A ilusão trás em si um paradoxo, pois o que é criado pelo bebê na verdade já estava lá. A mãe (criada pelo bebê) de forma onipotente precisa primeiro estar lá para assim ser criada pelo bebê. E ao ser encontrado permite o desenvolvimento do bebê acontecer de modo criativo.

Com a continuidade do processo de amadurecimento, a *onipotência* é perdida ou destruída, mas a **ilusão** de relacionar-se com um mundo que diz respeito ao bebê, um mundo que ele criou e pode operar com base nele mesmo, permanece. O que acaba sendo o princípio da criatividade.

Assim, o objeto transicional (cobertor ou ursinho do bebê) é símbolo de um objeto caso esse objeto esteja presente, conferindo-lhe valor. Então, o objeto transicional só pode ser símbolo da mãe se esta estiver presente (fisicamente ou na mente do bebê). Caso a mãe desapareça (morte, ausência por tempo maior que o bebê possa tolerar), o objeto transicional tende a morrer enquanto tal. O objeto transicional não é um substituto direto da mãe, mas representa a mãe quando ela existe para o bebê.

Cabe ainda notar que a transicionalidade, enquanto raiz do simbolismo, não corresponde somente a um momento de passagem, que teve início nas fases mais primitivas do amadurecimento e depois foi ultrapassado ou substituído por outros modos de relação com a realidade; ele permanece como uma dinâmica presente que também corresponde a um dos aspectos da dinâmica relacional que faz com que os símbolos possam ter valor e existir enquanto tais. Winnicott entende os fenômenos transicionais como essenciais na formação do simbolismo da criança. O objeto transicional pode persistir da primeira infância à infância propriamente dita e o objeto

macio utilizado enquanto bebê pode ser necessário na hora de dormir ou em momentos de solidão.

Ao falar sobre o destino dos objetos transicionais, Winnicott considera que, com o amadurecimento do indivíduo, esse objeto não é reprimido, nem guardado num interior, não é esquecido, mas, pouco a pouco, perde o seu significado, perde sua importância, dado que aquilo que era investido no objeto transicional passa a ser difusamente investido no mundo da vida cultural e na relação com os outros.

Ao referir-se à cultura como *o lugar em que vivemos*, Winnicott esclarece que a experiência cultural nada mais é do que um tipo de expansão dos fenômenos transicionais. Conceitualmente, ele afirma que o espaço, no qual podem surgir objetos que não pertencem propriamente ao mundo externo nem ao mundo interno denominado por ele *espaço potencial*, é tanto o espaço onde surgem os objetos transicionais como aquele em que se dá a vida cultural

Fulgêncio aponta que uma das características principais dos objetos transicionais é o fato de eles serem criados, logo, de eles manterem o caráter da ilusão de “criar o mundo em que se vive”. Esse aspecto criativo relaciona-se com a atividade do brincar espontâneo. Se, por um lado, é no brincar que o indivíduo encontra a si mesmo –por outro, é no brincar e na criatividade que ele reconhece que a vida vale a pena de ser vivida. Para Winnicott, a vida que vale a pena é a vivida pelo verdadeiro *self*; mas se é o falso *self* que se estabelece enquanto um modo de ser e de relacionar-se com o mundo, certamente haverá uma sensação de inutilidade ou futilidade da vida (Winnicott, 1955/1978).

Winnicott afirma que existem pessoas tão ancoradas na realidade objetiva, que podem ser vista como doentes no sentido de total perda do contato com o mundo subjetivo e sem contato com a sua forma criativa de viver. Para o autor a criatividade relaciona-se ao **estar vivo**.

Quem brinca não está apenas fantasiando, mas fazendo alguma coisa. O brincar é visto como atividade fundamental no desenvolvimento, integrando realidade psíquica interior com controle de objetos reais. É importante a tal ponto de Winnicott entender que, caso o paciente não possa brincar, esse sintoma deve ser visto antes de outros

fragmentos de conduta.

É também nesse brincar que a vida cultural é constituída como algo compartilhável, para o qual o indivíduo contribui para a sociedade, ao mesmo tempo em que realiza algo *para* e *em* si mesmo. A brincadeira, ou seja, a criatividade associada à construção e relação com objetos que estão, ao mesmo tempo, fora e dentro do indivíduo, objetos que guardam semelhança com a natureza dos objetos transicionais, são, para Winnicott (1971/1975d, p. 147), o fundamento da vida cultural

Na arte, na poesia, encontra-se o viver poético e criativo. No entanto, mais prosaicamente, essa forma de ser pode apresentar-se na vida da pessoa nos afazeres cotidianos, no modo de se relacionar com as questões cotidianas. Em um espaço pessoal e próprio que é, ao mesmo tempo, compartilhado.

A linguagem poética em Winnicott pode ser entendida como a capacidade de existir sendo criativo. O espaço do poético é onde pode haver envolvimento, autoria e apropriação, e a ausência deste implica em um modo de ser defensivo, reativo superficial e adaptativo.

Para esse autor, a tarefa de aceitação da realidade não se completa nunca. Os seres humanos estão permanentemente envolvidos na tarefa de relacionar realidade externa e interna. E o alívio desta tensão se dá em uma área intermediária da experiência que na criança ocorre no brincar e que no adulto se encontra nas artes e na religião.

É no brincar que se situa a origem da experiência cultural e religiosa do adulto. Se acaso a criança estiver impedida de brincar, terá dificuldades nessas áreas no futuro.

Os objetos transicionais podem ser considerados os primeiros objetos símbolos com os quais a criança se relaciona, mas têm valor e existência para ela pelo investimento afetivo neles colocado; mais do que isso, eles têm valor porque são uma *criação* que diz respeito à própria atividade do brincar, sinônimo do gesto criativo ou da espontaneidade. Segundo Winnicott, há uma linha de desenvolvimento que vai dos objetos subjetivos aos objetos transicionais, destes para o brincar e o brincar compartilhado, desembocando na vida cultural

Winnicott considera a brincadeira como um aspecto universal da natureza humana, e a psicanálise como uma forma especializada do brincar, afirmando: o brincar

facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (Winnicott, 1968/1975c, p. 63).

Esse brincar corresponde à possibilidade de o paciente agir com base em seu si-mesmo verdadeiro, adaptar-se e compartilhar do mundo e das relações com o mundo (simbolicamente ou não), sem perder em demasia a sua espontaneidade (o mesmo poderia ser dito sobre o analista

O processo analítico – processo que leva ao amadurecimento, entendendo este como uma expansão das áreas de relacionamento, expansão do espaço potencial e dos objetos (simbólicos ou não) com os quais o indivíduo pode se relacionar – deve, pois, fornecer os cuidados ambientais para que esse tipo de gesto espontâneo que caracteriza a brincadeira, esse tipo de criatividade, possa ocorrer

Com base em sua teoria do brincar, Winnicott pode caracterizar no que consiste o processo terapêutico, afirmando, então, que a base do brincar está num tipo de experiência livre, sem forma e que cabe ao psicoterapeuta “propiciar oportunidade para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar” (Winnicott, 1971/1975e, p. 93). Mais que isso, ele reconhecerá nesse fenômeno da brincadeira a própria essência do que seria a natureza humana:

Uma vez que a criatividade é um pré-requisito para um bom funcionamento psíquico a ausência de neurose pode ser considerada como sinônimo de saúde, mas está longe de ser considerado suficiente para propiciar uma vida digna de ser vivida (Winnicott 1975). Neste sentido acreditamos ser possível dizer que não basta ter saúde ou não é suficiente apenas viver, é preciso viver bem e ter gosto pela vida. E isto acontece apenas através da criatividade

Referências

Fulgencio, L. (2011). A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. *Paidéia*, 21(50).

Winnicott, D. W. (1975a). O Brincar. Uma exposição teórica. In _____ *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (1975b). O lugar em que vivemos. In _____ *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1961)

Winnicott, D. W. (1975c). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In _____ *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951)